



# F DIÁLOGOS REIREANOS

A EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO DE JOVENS  
E ADULTOS EM PORTUGAL E NO BRASIL

Luís Alcoforado  
Márcia Regina Barbosa  
Denise Aparecida Brito Barreto  
(editores)

#### **4. PARA UMA EDUCAÇÃO INSPIRADA POR PAULO FREIRE: DAS TAREFAS INFINITAS**

*Marijke Koning*<sup>10</sup>

##### **Resumo**

O texto dá a conhecer o Graal, em especial a sua filosofia e linhas de ação. Traçando o percurso histórico dessa organização em Portugal, a autora apresenta marcos temporais que mapeiam o encontro (o seu e o do Graal) com a pedagogia de Paulo Freire. Na reflexão proposta, o Graal é definido como um grupo internacional de mulheres motivadas pela procura espiritual e inspiradas em criar uma comunidade global de justiça e de paz. Com os imperativos de solidariedade, justiça e paz, a organização chegou a Portugal em 1957 pelas mãos de Maria de Lourdes Pintassilgo e Teresa Santa Clara Gomes e enviou as primeiras equipas a Coimbra e Portalegre em 1961. O contacto com o método Paulo Freire, ainda na década de 1960, motivou a formação de grupos de trabalho de alfabetização para atuar nas regiões citadas, grupos esses constituídos sobretudo por estudantes universitários/as, que trabalhavam voluntariamente durante as férias de verão. Nesse sentido, são destacados como grandes contributos do Graal à sociedade a formação de pessoas

---

<sup>10</sup> GRAAL

nas mais diferentes esferas de atuação: jovens e adultos/as, que aprenderam a ler; jovens (universitários/as e outros/as), que adquiriram/alargaram a consciência política e cívica; e professores/as universitários/as, que contextualizaram os seus conhecimentos na realidade concreta do país. Nesse trabalho com adultos/as, a filosofia de conscientização de Paulo Freire constitui uma referência incontornável no contexto educativo do Graal.

### **Abstract**

This text presents the philosophy and action policies of Graal. Mapping the history of this organization in Portugal, the author presents the main paths of her encounter – and the encounter of Graal – with Paulo Freire’s pedagogy. In her reflection, Graal is defined as an international group of women motivated by spiritual quest and the construction of a global community of justice and peace. With the ideas of solidarity, justice and peace, this organization was brought to Portugal by Maria de Lourdes Pintassilgo and Teresa Santa Clara Gomes in 1957 and sent the first working groups to Coimbra and Portalegre in 1961. The contact with Paulo Freire’s method, still in the 1960’s, motivated the work with young and adults in order to develop their literacy. The action groups of Graal were constituted by young college students, which voluntary worked with the communities in the summer vacancies. In this sense, the main contributions of Graal to the society lie in the education/formation of individuals in different areas of activity: young and adults, which learned to read; young (students and others), which acquired/developed their critical thinking; and professors, which could contextualize and put into practice their knowledge, taking into account the real characteristics of the country. In this work with young and adults, the Freire’s philosophy of awareness stands as an essential reference to the educative context of Graal.

## Com Paulo Freire nas *Tarefas Infinitas*

É com o poema *Porque* de Sophia de Mello Breyner Andresen, que foi musicado e cantado por Francisco Fanhais, que quero homenagear Paulo Freire:

### **Porque**

Porque os outros se mascaram mas tu não  
Porque os outros usam a virtude  
Para comprar o que não tem perdão.  
Porque os outros têm medo, mas tu não.

Porque os outros são os túmulos caídos  
Onde germina calada a podridão.  
Porque os outros se calam, mas tu não.

Porque os outros se compram e se vendem  
E os seus gestos dão sempre dividendo.  
Porque os outros são hábeis, mas tu não.

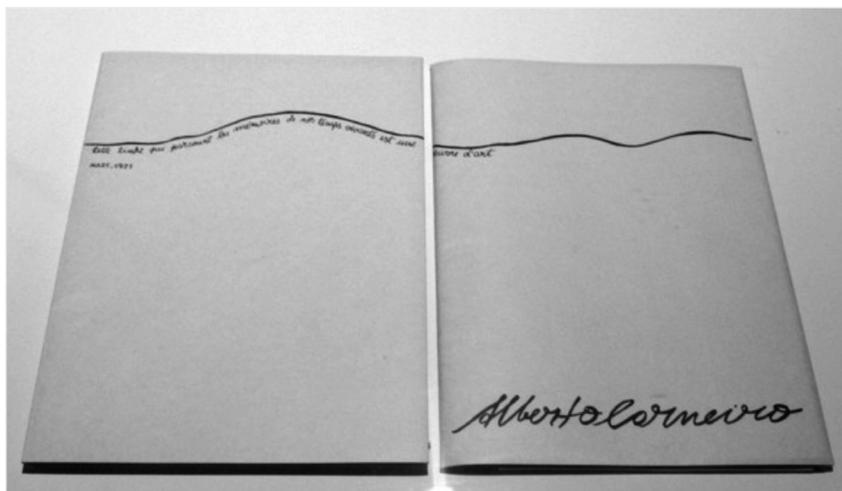
Porque os outros vão à sombra dos abrigos  
E tu vais de mãos dadas com os perigos.  
Porque os outros calculam mas tu não.

(<https://www.youtube.com/watch?v=D1HNhRG58Ss>)

Em 2012 visitei a exposição *Tarefas Infinitas, quando a arte e o livro se ilimitam*, realizada no museu Gulbenkian em Lisboa. No preâmbulo do catálogo da exposição, Paulo Pires do Vale explica como Husserl inspirou o título. Transcrevo algumas palavras deste texto, aqui também em homenagem a Paulo Freire que nos antecedeu nas *Tarefas Infinitas* da Educação:

[...] só em permanente reflexão se pode atingir o objetivo, sempre em ultrapassagem. [...] A tarefa abre-se ao que a antecede e a ultrapassa. Ao que foi e ao que virá. [...] O trabalho verdadeiramente humano e a história, são agora, um processo sem fim, como uma finalidade sempre inalcançada (Pires do Vale, 2012, pp. 16 -17).

O infinito “adentra” as nossas vidas finitas quando transcendemos o hoje e nos abrimos ao que nos antecede e ao que nos ultrapassa na bruma do que há-de-*vir*. Ou com o disse Maria de Lourdes Pintasilgo em 1982, numa Conferência proferida durante a celebração dos 25 Anos do Graal em Portugal: “Entre o passado e o futuro está o hoje onde se *desvenda* o sentido e onde se *cria* o sentido; movimento duplo”. É neste duplo movimento que Paulo Freire está aqui connosco hoje.



A imagem da nossa vida como uma linha que se constrói numa obra de arte que percorre duas páginas de um livro aberto, como na obra exposta de Alberto Carneiro na exposição *Tarefas Infinitas*, simboliza que somos parte muito finita de uma história infinita de construção da nossa humanidade. “Esta linha que percorre as memórias dos nossos tempos vivos é uma obra de arte” lembra-nos Alberto Carneiro.

Que a obra de arte que foi a vida de Paulo Freire nos continue a desafiar nas tarefas infinitas de uma educação crítica e criativa.

O presente texto está estruturado em quatro partes:

1. O Graal
2. O Graal: um contexto de conscientização
3. A minha viagem com Paulo Freire no Graal: a minha conscientização
4. A conscientização em contextos do Graal: hoje

## **1. O Graal (<http://www.graal.org.pt/>)**

### **1.1. O Graal: um movimento internacional de mulheres**

O Graal é um movimento internacional de mulheres motivadas pela procura espiritual e empenhadas na transformação do mundo numa comunidade global de justiça e paz, conforme o sentido simbólico da lenda que deu origem ao nome do movimento. É uma corrente de ideias e iniciativas partilhadas por mulheres de diversas gerações e culturas, que unem os seus talentos numa rede que amplia a capacidade para “mudar a vida”, respondendo aos sinais dos tempos e à realidade de cada lugar.

São objetivos gerais no Graal Internacional: Contribuir para uma cultura do cuidado, cuidado por si, pelo próximo e pelo estado do mundo, onde a solicitude, a justiça e a paz sejam os fundamentos.

### **1.2. O Graal em Portugal**

Em Portugal o início do Graal “...foi um salto no desconhecido que exigiu de cada uma de nós talentos e capacidades que nunca

sonháramos ter”, podemos ler numa publicação de 1982 sobre os 25 anos da sua história em Portugal.

Este foi o espírito com que as duas primeiras equipas “oficiais” partiram para Coimbra e Portalegre, em 1961. Eram os começos do Graal em Portugal. O movimento chegou a Portugal uns anos antes, em 1957, com Maria de Lourdes Pintasilgo e Teresa Santa Clara Gomes. Desde então muito aconteceu.

O Graal é uma organização não-governamental e constituiu-se como Associação de Caráter Social e Cultural em 1977, reconhecida como Pessoa Coletiva de Utilidade Pública em 1985.

### **1.3. A Fundação *Cuidar O Futuro***

Em 2001 o Graal criou, por iniciativa de Maria de Lourdes Pintasilgo, a Fundação *Cuidar O Futuro*: <http://www.fcuidarofuturo.pt/>

O trabalho principal realizado nesta fundação foi a organização do arquivo Pintasilgo que pode ser consultado *online*: <http://www.arquivopintasilgo.pt/arquivopintasilgo>

Com o objetivo de facilitar a pesquisa foi constituído um *dossier* temático intitulado: *INSCRIÇÃO DAS MULHERES NO ESPAÇO PÚBLICO: IDENTIDADE (S) EM CONSTRUÇÃO*: <http://www.arquivopintasilgo.pt/MLP/Dossiers/Dossier1/>

Além da organização do arquivo, foram desenvolvidos vários programas de investigação e ação. O trabalho realizado num destes Programas, *Literacia Mulheres Liderança*, veio introduzir novas perspetivas metodológicas no trabalho de conscientização em contextos do Graal: <http://www.fcuidarofuturo.pt/mulheres.html>

No dia 2 de Dezembro de 2014 decorreu na sala do Senado da Universidade de Coimbra a cerimónia de assinatura do Termo de Aceitação da Doação do Arquivo Maria de Lourdes Pintasilgo

ao Centro de Documentação 25 de Abril: <http://www.cd25a.uc.pt/index.php?r=site/page&view=newsevents&p=1970>

## **2. O Graal: um contexto de conscientização**

Todos os trabalhos do GRAAL assentam implicitamente na filosofia da conscientização e apenas variam em originalidade, conteúdos e grupos-alvo.

Na sessão de abertura do Centro de Recursos do Instituto Paulo Freire Portugal na FPCE da Universidade do Porto no dia 14 de Dezembro 2001, apresentei uma comunicação sobre os inícios do trabalho com Paulo Freire em Portugal, (publicada no *Um Caderno Novo*) em que a Teresinha Tavares conta como começou:

Em 1965 o GRAAL começou em Portalegre o “Projeto de promoção humana e evangelização”. Do contacto que se foi tendo com o meio viu-se que havia muitas pessoas não alfabetizadas, sobretudo nas aldeias. Tivemos conhecimento do método Paulo Freire que tinha sido aplicado com grande sucesso no Brasil. Por isso procurámos adaptá-lo a Portugal.

Assim, durante o ano 1967 – 1968, uma equipa formada por Teresa Santa Clara (membro do GRAAL e licenciada em língua e literatura germânicas) Lindley Cintra (Prof. de linguística), Alfredo Bruto da Costa (engenheiro e professor universitário), Manuela Silva (economista), Henrique Reynolds de Sousa (Engenheiro), fizeram, em colaboração com a equipa do Projeto do GRAAL o levantamento temático, a escolha das palavras-chave e a preparação dos desafios (naquela altura sobretudo feitos com slides).

Nas férias do verão 1968 veio um grupo de estudantes da Universidade de Lisboa para um programa intensivo de formação para a alfabetização, tendo-se constituído a seguir a esta formação 12

grupos de alfabetização no distrito de Portalegre. No verão seguinte funcionaram 8 grupos de alfabetização e 8 grupos de pós-alfabetização, tendo vindo também estudantes das universidades de Coimbra e do Porto. A pós-alfabetização quer a seguir ao verão de 68, quer a seguir ao de 69, foi realizada por voluntários da cidade e estagiários, estudantes do serviço social do projeto (Koning, 2001, pp. 75-76).

Uma das estudantes de então que participou como animadora nos programas de alfabetização e pós-alfabetização, Celeste Isabel Sousa Lopes, na altura aluna do prof. Cintra, afirma:

Este foi, sem dúvida, um dos grandes contributos do Graal à sociedade: pelas pessoas que aprenderam a ler, pelos jovens (universitários e outros) que alargaram (ou adquiriram) uma consciência política e cívica, pelos professores universitários que ligaram o seu saber à realidade concreta do país (Koning, 2001, p. 79).

Em 2006 foi publicado o livro *Lugares Emergentes do Sujeito Mulher - Viagem com Paulo Freire e Maria de Lourdes Pintasilgo*, da minha autoria. Naquela altura viajei através de aprendizagens minhas e de outras mulheres no Graal. Foi um trabalho elaborado numa perspetiva feminista, entre 1999 e 2001, no âmbito de um mestrado em Ciências da Educação, Descrevi o Graal como um contexto de conscientização de mulheres, um contexto em que percorremos caminhos que vão da palavra à ação e vice-versa. Viagens nómadas. A ideia de nómada, que me tem “orientado” nas minhas “viagens”, segue linhas projetadas em círculos que não se sobrepõem completamente, mas quase. Ser nómada sugere que o modelo de aprendizagem só pode ser cíclico. Recorrer à imagem do círculo exprime a ideia de que temos de passar muitas vezes pelo mesmo lugar para aprender. O visitar o “mesmo”, já mudado, cada vez com um olhar diferente, alimentado por novas experiências e aprendizagens, permite aprofundar o conhecimento e irmos construindo a nossa identidade. Iniciei um dos capítulos do livro com uma citação de Ramos Rosa, do poema “Um caminho de Palavras”.

Sem dizer o fogo – vou para ele.

[...]

Tudo o que sei, já lá está, mas não estão os meus passos, nem os meus braços. Por isso caminho, caminho, porque há um intervalo entre tudo e eu, e nesse intervalo caminho e descubro o meu caminho.

Mas entre mim e os meus passos há um intervalo também: então invento os meus passos e o meu próprio caminho.

[...]

António Ramos Rosa, “Um caminho de palavras”, *in Sobre o Rosto da Terra* (1961) (*In Koning*, 2006, p. 87).

Teresa Santa Clara foi a pessoa que sempre sublinhou no Graal a importância de “criar contextos”. Contextos de aprendizagem, de reflexão e ação, de intervenção na sociedade, de busca espiritual e celebração, com o objetivo *iniciar processos* capazes de mudar a vida. Na entrevista com Cecília Barreira fala do Graal:

(...) eu acho que o Graal foi, no nosso país, criador de contextos onde muitas jovens vieram a assumir a sua condição/situação de mulheres-geradores-de-mudança. (Barreira, 1993: 207).

Mas chamou a atenção para a fragilidade desta “empresa”:

O Graal é tudo menos uma redoma. Muito pelo contrário, vejo o Graal como um microcosmos onde se vivem, e por vezes se ampliam, as convulsões que atravessam a sociedade (Barreira, 1993: 208).

Algumas das principais “convulsões” da sociedade de hoje são problematizadas nos mais recentes projetos e contextos de educação não-formal e animação comunitária do Graal em Portugal, nomea-

damente no projeto ECO, *Encontro com o Outro, Afeto Inclusivo e Cidadania Ativa*, cofinanciado pela fundação Gulbenkian. Um breve resumo:

1. A expansão do *ego*, do “*fat ego*”, (formulação do filósofo holandês Harry Kunneman, 2005:18), figura contemporânea consumista, competitiva, virada para si, uma edição pervertida do indivíduo autônomo e livre. A expansão desenfreada do *ego*, de “formas gordas de autonomia”, que pode fazer esquecer valores morais como solidariedade, respeito e tolerância e em que o *Just Do It* é o novo ingrediente “emancipatório”.
2. A substituição do papel social dos sistemas religiosos pelo sistema *infotainment* problematizado pelo filósofo e psicanalista israelita Carlo Strenger, em que “ser tocado por Deus foi substituído pela qualidade mágica de ser conhecido e admirado pelas massas” (Strenger, 2011: 67).
3. O Poder-sobre em vez de “poder-com” e “poder-para”. O psicólogo Rollo May afirma no seu livro *Power and Innocence* que “o poder é essencial para todas as coisas vivas” (May, 1972: 22). Define o poder como “a capacidade de provocar ou impedir mudança” (ibid.: 99).
4. A Liderança-não-partilhada. A *liderança partilhada* gera mais vida, dá espaço ao novo, tanto em espaços do trabalho e cidadania, como em espaços mais privados. No projeto ECO trabalhamos num regime de *Lideranças partilhadas* (o plural é inerente à dinâmica que se pretende desenvolver).

Num regime de lideranças partilhadas há mais informação a circular. O que a diferencia de outras formas de liderança é a partilha de competências e responsabilidades. Não é necessário

acabar com a hierarquia. A igualdade não tem de acabar com processos diferenciados. (Múrias & Koning, 2012, p. 42).

### 5. A incapacidade de agir num “regime” de “afeto inclusivo”.

Como despertar e estimular nos nossos contextos educativos a aprendizagem do *Afeto Inclusivo* (Koning, 2014: 150-152), esta expansão de afeições, esta “vacina” contra o *fat ego*? Trata-se de uma “competência estruturante” necessária na ordenação de uma *polis* justa, eticamente sustentada, não apenas por leis, mas por uma *Weisung* (Buber), uma “indicação” benéfica para irmos ao encontro do “outro”, do diferente, do desconhecido.

## **3. A minha viagem com Paulo Freire no Graal: a minha conscientização**

“Muito daquilo que eu sou hoje, devo ao Graal”, afirma uma das entrevistadas por Luís Alcoforado no artigo “Experiência da pedagogia freireana na região rural do município de Coimbra (Portugal, 1970), publicado em dezembro de 2013 na revista brasileira *Educação em Questão*. Estas palavras exprimem o que também eu sinto.

Bastante no início da primeira página da minha vida tive a sorte de a linha da minha vida se cruzar com as ideias do Paulo Freire e com ele próprio. O meu primeiro contacto com o trabalho de conscientização foi naquele verão de 1970, numa aldeia chamada Almalaguês, onde, a convite de Maria de Lourdes Pintasilgo, passei uma tarde e um serão para «ver» o trabalho do GRAAL *in loco*. Ainda não sabia falar Português. Nesse verão o GRAAL organizou na zona rural do município de Coimbra *Estágios de alfabetização e animação social segundo a metodologia de Paulo Freire* para formar estudantes universitários de todo o país.

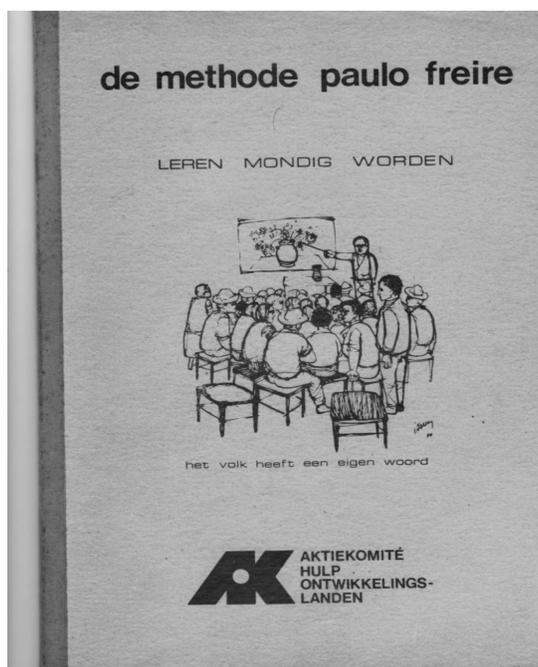
Muito mais tarde encontrei no relatório daquele trabalho a lista de participantes onde consta o nome da Helena Costa Gomes de Araújo, orientadora da minha tese de mestrado, acima referida. A Helena, agora também amiga, já era companheira de *viagem* sem eu saber. Há uma fotografia que regista a nossa presença à volta da mesma mesa, mas não há memória de termos falado uma com a outra. Com ela partilho a experiência profunda de a Maria de Lourdes Pintasilgo ser para nós “uma mulher estruturante (...) uma referência central nas nossas (minha) vidas” (Araújo, 2000, p. 120).

Com Maria de Lourdes Pintasilgo aprendi e aprendemos que cada nova geração tem de fazer o percurso, viajando a seu jeito. Que os ganhos trazem sempre perdas. Que as perdas trazem novos ganhos. Que tudo está sempre em reconstrução, na certeza de um horizonte possível num mundo de incertezas. “O que conta é o caminho, é a viagem. É essa viagem que é significativa”, dizia (Pintasilgo, citado em Koning 2005).

Paulo Freire e Maria de Lourdes Pintasilgo constituem para mim duas referências estruturantes na minha viagem de vida.

Em outubro do mesmo ano 1970 tive a oportunidade de me encontrar com Paulo Freire em pessoa em Amesterdão. A Maria de Lourdes pôs-me em contacto com o *Aktiekomit  Hulp Ontwikkelings landen* (Comit  de A o e Ajuda aos países em desenvolvimento) e participei num seminário com Paulo Freire que se realizou na *Vrije Universiteit* (Universidade Livre) nos dias 26 e 27 de outubro.

A capa do *dossier* com textos editado com o objetivo de preparar a vinda de Paulo Freire até a Holanda e de dar conhecimento do seu pensamento, era muito sugestivo. O título dizia “O método Paulo Freire. Aprender a ter voz”. Depois um desenho de um grupo sentado em roda com o subtítulo: O povo tem a sua própria palavra”.



No ano anterior, em agosto de 1969, participei pela primeira vez num Programa Internacional do Graal em Portugal que se realizou em Sagres, intitulado *A NOVA SOCIEDADE REALIDADE OU FICÇÃO*. Estávamos nos tempos pós maio '68 e no programa lia-se:

Hoje na Europa: Contestação, violência ... Libertação da palavra, tomada do poder ... Secularização ... Imaginação, Criatividade ... Consciência de grupo, consciência do individuo ...

**PARA ONDE VAI ESTA AVENTURA COLECTIVA?** Qual o seu sentido para nós? Quais os factos que abrem para o futuro? Como abordar as questões do meio social, a vida internacional, o progresso científico, a arte e a estética, o ócio ...?

Éramos entre 30 a 40 raparigas, de várias nacionalidades, incluindo Americanas e Japonesas. Lembro-me de muitas coisas destes dias.

Mas sobretudo de um serão no café local com os pescadores de Sagres, organizado pelo nosso grupo para a população. Só vieram os homens. A Teresa Santa Clara tinha convidado Francisco Fanhais para cantar. Foi quando cantou a CANTILENA de SEBASTIÃO DA GAMA que *sentiu* o que *sabia*: que Portugal era um país onde havia uma ditadura e opressão, que as pessoas não tinham liberdade para fazer ouvir as suas vozes, mas que não lhes podia ser tirado tudo, que podiam lutar:

Cortaram as asas

ao rouxinol !

Rouxinol sem asas

não pode voar.

II

Quebraram-te o bico,

rouxinol !

Rouxinol sem bico

não pode cantar.

III

Que ao menos a Noite

ninguém, rouxinol !

ta queira roubar.

Rouxinol sem Noite

não pode viver...

(<https://www.youtube.com/watch?v=buZMu3iWuUY>)

E para dar força a todos os rouxinóis *a quem cortaram o bico*, os pescadores e as participantes portuguesas do programa cantavam com toda força: *que ao menos a noite ninguém, rouxinol, ta queira roubar...*

Para a Maria de Lourdes Pintasilgo as baladas eram meios poderosas de conscientização, como comenta no seu livro *Palavras Dadas*:

A denúncia e o anúncio que as baladas traziam consigo eram um processo de conscientização que se ignorava enquanto método, mas que legitimava o acordar para a ação de todo um povo, nascido do desejo pessoal de agir. Em cada grupo que se formava, caíam as escamas dos olhos e descobria-se a situação insustentável em que o povo vivia (Pintasilgo, 2005, p. 127).

E o que Paulo Freire conheceu dos resultados do trabalho realizado pelo Graal em Portugal? No seu livro *Pedagogia da Esperança* podemos ler algo das suas impressões sobre o trabalho realizado pelo Graal:

«Gostaria de conversar um pouco com o senhor» me disse pelo telefone, na primavera de 71, um jovem de entonação portuguesa. [...] pouco tempo depois da fala telefónica o timbre toca e era o jovem realmente português, que chegava. [...]

Em 1969, dois anos antes daquela manhã em Genebra em que conversava com o inquieto jovem, recebera, nos Estados Unidos, uma série de bilhetes, vários deles escritos numa mesma folha de papel, de ex-analfabetos portugueses. Eram camponeses de uma área rural de Coimbra. Me escreviam para me expressar seu agradecimento pelo que eu havia feito em favor deles, para falar de sua amizade a mim e para me convidar, quando as condições políticas o permitissem, a ir lá, visitá-los, abraçá-los, ouvir deles palavras de querer bem.

A alfabetização naquela área rural de Coimbra era só um momento do que fazia, dedicada e competentemente a equipa do *GRAAL*, amorosa e lúcida.

Em certo momento da conversa o jovem português se referiu diretamente ao trabalho de Coimbra:

«- O Paulo Freire sabe o quanto um grupo de católicas deturpou suas ideias na zona rural de Coimbra?»

«- O que conheço do trabalho feito em Coimbra não me parece ser uma distorção de minhas propostas mas, tudo indica, o que poderia ser feito historicamente - disse e prossegui. - Sob que regime, sob que vigilância policial você acha que as moças trabalharam em Coimbra?»

E o jovem, sem responder às perguntas, insistia em «que não haviam associado a alfabetização à luta política contra Salazar. No fundo, eram umas catoliconas [sic] idealistas, sem a compreensão da luta de classes enquanto motor da história», concluiu vitorioso.

Passaram-se três anos, as forças armadas colonialistas portuguesas são conscientizadas pela luta dos africanos e a Revolução dos Cravos eclode. [...]

Visito Portugal a convite do novo governo a que se junta igualmente a universidade, onde falo a professores e estudantes. Visito Coimbra, sua universidade e obviamente, levado pelas mesmas moças amorosas e dedicadas, crentes em Deus e na necessidade de mudar o mundo em favor dos esfarrapados, visito os camponeses e camponesas que, em 1969, me haviam escrito aquelas cartas de bem fraterno. Abracei-os e abracei-as carinhosamente. Nossos corpos como que «escreviam» uns nos outros, o nosso discurso afetivo que expressava um mútuo agradecimento. O deles a mim. O meu a eles e elas.

Foi naquela manhã em Coimbra, no campo, que soube ter sido aquela pequena comunidade rural que, com umas poucas mais, deu total apoio ao governo revolucionário, num dos momentos de assanhamento da direita. Uma das mais idosas camponesas que se alfabetizara com as jovens do *GRAAL*, despertou numa certa madrugada e, discretamente, recolheu a propaganda fascista que havia sido distribuída durante a noite no seu povoado. O povoado inteiro se recusou a apoiar a manifestação direitista, para que fora convocado pelos panfletos...

Não foi preciso fazer-se discurso sobre a luta de classes que na verdade existe, durante o curso de alfabetização, para que ela e seus companheiros, na hora certa, percebessem a relação entre a leitura da palavra, a leitura do mundo e sobretudo a transformação do mundo... (Freire, 1992, pp. 175-177)

No verão de 1973 (eu já falava português), trabalhei na animação de um campo de trabalho em Almalaguês com raparigas estudantes do ensino secundário oriundas de Lisboa. Tinham participado durante dois anos no Graal em Lisboa num programa de sensibilização e conscientização. O campo tinha como objetivo conhecerem o país real. Nos *Lugares Emergentes* publiquei um texto-desafio intitulado “Tenho medo de me tornar turista da vida”, construído com frases destas raparigas, retiradas de um jornal do campo em que relatam a sua experiência em Almalaguês.

Depois de durante uma vida inteira não ter feito absolutamente nada de concreto, surgiu-me a oportunidade de dar um sentido à minha vida.

A experiência de Almalaguês foi tão forte que para exprimi-la inteiramente, teria de criar uma nova linguagem, bem diferente, bem mais profunda, bem mais pessoal. Almalaguês, onde se sentia uma vida simples, sem coisas supérfluas. O calor humano que senti, os ensinamentos que me deram, que «o trabalho é uma honra», que «quem não trabalha, não tem direito à vida». Aprendi a ser mais simples e também a trabalhar mais em grupo.

[As pessoas de Almalaguês] diziam «aqui temos uma vida muito amargurada. Uma vida onde por vezes há fome, intrigas maldosas, e onde o dia começa das 5h30m até a meia-noite, a trabalhar duro». [Havia] duas irmãs solteiras, é uma injustiça que a sociedade não as tenha integrado, apenas por nenhum homem as ter escolhido. E também tive pena de passarem o dia com sopas de leite, porque não há ninguém que apareça às horas das refeições, bata os punhos na mesa e mande vir a comida.

A reflexão pela qual optámos, deu sentido a tudo isto. Aclarou, acalmou, lançámo-nos mais longe. Foi esta experiência tornada consciente que transformou o conjunto em vida, que uniu o que estava desligado, que integrou cada hora, cada trabalho, cada conversa, num todo global que fez ultrapassar mais um horizonte.

[Agora, que voltei à minha casa sinto que] estou entre estranhos. Eu devia agora pôr o meu comprimento de onda para estrangeiros e fazer-me estrangeira no meio deles. Tenho medo de me tornar como eles, estrangeiras do homem, turistas da vida.

Vamos dar o melhor de nós próprias, o melhor de que somos capazes, na construção de aquilo que NÓS sabemos ser VIDA. Porque depois de viver 15 dias em Almalaguês, eu exijo de mim própria que tenha força para que cá dentro fermentem e vivam todos os sins e todos os não (Koning, 2006, p. 213).

#### **4. A conscientização em contextos do Graal: hoje**

Como já disse, a filosofia de conscientização de Paulo Freire constitui uma referência incontornável no trabalho educativo com adultos/as e jovens nos contextos do Graal.

Nos projetos em que trabalhamos mais recentemente, recorremos à metodologia da *aprendizagem pela conversa* de Ann Baker, Patricia Jensen e David Kolb (2002) após a ter experimentado no projeto *Literacia para a Igualdade de Género e a Qualidade de Vida: Lideranças Partilhadas* (Koning et al., 2012; Múrias & Koning, 2012), que se realizou no âmbito do Programa Literacia Mulheres Liderança da Fundação *Cuidar O Futuro*. Esta metodologia baseia-se no modelo de aprendizagem a partir da experiência de Kolb. O processo de *aprendizagem pela conversa* proporciona um espaço educativo fluído, porém estruturado, um espaço adequado para

aprofundar a consciência, para desfazer ideias feitas e fazer circular novas ideias. Um espaço onde as pessoas encontram a possibilidade de “abrandar”, discutir e refletir sobre as suas experiências. Conversar com o objetivo de “encontrar novos sentidos” e “deixar emergir novos conhecimentos”, e assim desenvolver um olhar crítico sobre a realidade, promotor da construção de práticas inovadoras.

Baker, Jensen e Kolb (2002) fazem uma distinção entre diálogo e conversa. O diálogo, conceito central na filosofia e metodologia da conscientização, é caracterizado pelos autores por “vozes em oposição à procura da verdade”, uma definição que enfatiza a fala, a compreensão e a troca de ideias diferentes. No diálogo exploramos todas as complexidades da reflexão e da linguagem. Na conversa os aspetos emocionais são mais enfatizados.

Em ambas as metodologias o foco está na compreensão humana, na produção de conhecimento existencial através de vozes em oposição à procura da verdade; em ambas as metodologias o foco está na emergência do sujeito que objetiva o mundo que o rodeia, na reflexão que promova uma inserção crítica neste mundo através de uma ação transformadora.

O que sobretudo diferencia a metodologia da *aprendizagem pela conversa* da metodologia da conscientização, é, segundo Eunice Macedo e Amélia Macedo do Instituto Paulo Freire, que a primeira privilegia a “formulação narrativa na primeira pessoa” e não diretamente “a conscientização de um grupo oprimido, que conjuntamente assumiria a ação para a transformação social” (Macedo & Macedo, 2012, pp. 223-237).

No projeto ECO utilizamos a *aprendizagem pela conversa*, potenciando o verbo “incluir”, já que é em relações de afeto que as pessoas aprendem como se podem relacionar de uma forma ética com a alteridade: <http://www.graal.org.pt/projecto.php?id=21>

Neste projeto apostamos num *modelo polimórfico das artes*, compreendendo as várias linguagens artísticas, como formas expressivas

de criação e de integração, privilegiando-se uma **aprendizagem experiencial e vivencial**, através do corpo, numa abordagem performativa das realidades sociais a transformar.

A metodologia de trabalho da equipa é em liderança partilhada e intervisão. Este *modus operandi* é devolvido “em espelho” à equipa de jovens, aos professores, pais, assistentes, parceiros, procurando sinergias e processos de co-criação que garantam uma implementação do projeto em *next practices* para além do seu tempo de existência.

No fim da minha comunicação apresentada em Coimbra, de que resulta este texto, a Rute Castela (projeto GIRA) e a Lucinda Saldanha (projeto ECO) mostraram algo do trabalho realizado, e em curso, no âmbito destes projetos.

A Rute apresentou o projeto GIRA (Gerar Iniciativas e Realidades Alternativas): <http://www.graal.org.pt/projecto.php?id=14>

Este projeto visou contribuir para a capacitação de mulheres em situação de desemprego, através de uma intervenção em rede com Instituições da cidade orientada para a resolução de problemas e transformação do quotidiano numa lógica de cidadania participativa e igualdade de género.

E a Lucinda falou do projeto ECO, a mais recente iniciativa do Movimento do GRAAL, a realizar na Golegã, em parceria com o Agrupamento de Escolas da Golegã, Azinhaga e Pombalinho, Câmara Municipal da Golegã e Agrotejo (União Agrícola Norte e Vale do Tejo), e apoio da Fundação C. Gulbenkian. Realiza-se na comunidade da Golegã (e concelhos limítrofes) e no projeto participam jovens, professores/as, assistentes da ação educativa e famílias dos jovens:

<https://www.youtube.com/watch?t=47&v=eB8OnCNISo8>

<https://www.facebook.com/pages/ECO-Encontro-com-o-Outro/1485565291657091?fref=ts>

Para mais informação sobre os projetos educativos e de animação sociocultural realizados ao longo dos anos em contextos do Graal

podem consultar o *site* do Graal para os projetos a partir do ano 2000: [http://www.graal.org.pt/projectos\\_realizados.php](http://www.graal.org.pt/projectos_realizados.php)

## Referências bibliográficas

- Alcoforado, L. & Ferreira, S. C. M. (2013). Experiencia da pedagogia freireana na região rural do município de Coimbra (Portugal, 1970). *Revista Educação em Questão*, 47(33).
- Araújo, H. (2000). Uma Mulher Estruturante. In *Mulher das cidades futuras* (pp. 119-120). Lisboa: Livros Horizonte.
- Baker, A., Jenson, P., & Kolb, D. (2002). *Conversational learning: an experiential approach to knowledge creation*. Westport CT: Quorum Books
- Barreira, C. (1993). *Confidências de Mulheres. Anos 50-60*. Lisboa: Editorial Notícias.
- Freire, P. (1992). *Pedagogia da esperança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Koning, M. de (2001). Sobre os inícios do trabalho com Paulo Freire em Portugal. In L. Cortesão et al. (org.), *Um Caderno Novo* (pp.73-86). Porto: IPFP.
- Koning, M. de (2006). *Lugares emergentes do Sujeito-Mulher. Viagem com Paulo Freire e Maria de Lourdes Pintasilgo*. Porto: Edições Afrontamento.
- Koning, M. et al. (2012). *Lideranças Partilhadas. Caderno de Trabalho. Propostas de literacia para a igualdade de género e a qualidade de vida*. Lisboa: Fundação Cuidar O Futuro.
- Koning, M. de (2014). Entre corpos. Afeto inclusivo. In F. Henriques, T. Toldy, M. L. R. Ferreira (org.), *Quem me tocou? O corpo na simbólica religiosa. Contributos das teologias feministas* (pp. 143-156). Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa.
- Kunneman, H. (2005). *Voorbij het dikke-ik. Bouwstenen voor een kritisch humanisme*. Amsterdam: Uitgeverij SWP.
- Macedo, E. & Macedo, A. (2012). Aprender pela conversa: assim como e depois?. In C. Múrias & M. de Koning (Coords.), *Lideranças Partilhadas. Percursos de Literacia para a Igualdade de Género e a Qualidade de Vida* (pp.223-237). Porto: Livspic & Fundação O Futuro.
- May, R. (1972). *Power and Innocence. A Search for the Sources of Violence*. New York: A Delta Book.
- Múrias, C. & Koning, M. de (coord.) (2012). *Lideranças partilhadas: Percursos de literacia para a igualdade de género e qualidade de vida*. Porto: Fundação Cuidar O Futuro & Livpsic.
- Pintasilgo, M. de L.(2005). *Palavras Dadas*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Pires do Vale, P. (2012). Preâmbulo.In *Tarefas Infinitas. Quando a arte e o livro se ilimitam*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Strenger, C. (2011). *O medo da insignificância. Como dar sentido às nossas vidas no Século XXI*. Alfragide: Lua de papel.